

POMBAGIRA NA ENCRUZILHADA: ENTRE A TRANSGRESSÃO E A SUJEIÇÃO

Ademir Barbosa Júnior¹
Jorge Luís da Hora de Jesus²
Adrianne de Paula Fonseca³
Maurício Ribeiro da Silva⁴

Eixo temático 3: Espiritualidade e Religiosidade

RESUMO

As Pombagiras são Entidades espirituais das religiões de terreiro conhecidas por questionar os ditames do patriarcado e referenciarem o protagonismo/empoderamento feminino. Sua postura corporal, os trejeitos, as gargalhadas e suas falas contrapõem-se às predefinições da sociedade ocidental para a mulher no que tange ao corpo físico, aos espaços e às funções classificadas como “femininas”, dentre outros. Contudo, representações estereotipadas das Pombagiras que traduzem ideais de acomodação e assimilação ao *status quo* (como a eleição de um padrão físico específico) têm-se emparelhado tanto com sua imagem libertária (estátuas e pontos cantados, por exemplo) quanto com as liberdades individuais e as conquistas coletivas das mulheres. Dessa maneira, a noção de empoderamento feminino se enfraquece a partir de aspectos da imagem que costuma estimulá-lo, sobretudo a corporeidade da Pombagira, que passa, então, a oscilar entre a transgressão e a sujeição aos valores e às expectativas patriarcais. A partir da análise de conteúdo de fenômenos comunicacionais (coletados no Google Imagens), esta pesquisa aponta algumas das características de rebaixamento da imagem da Pombagira a um padrão específico de representação do feminino, onde a potência da Entidade espiritual convive com seu esvaziamento simbólico, realidade que se concretiza, ainda e dentre vários aspectos, na liturgia e no culto a essas Entidades, como o caso da Igreja da Pombagira inaugurada em 2025.

Palavras-chave: Comunicação; Imagem; Pombagira; Corpo; Empoderamento.

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP). E-mail: ademirbarbosajunior@yahoo.com.br

² Mestre em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP). E-mail: jorgedahora80cci@gmail.com.

³ Doutoranda em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP). E-mail: depaula.acad@gmail.com. Bolsista CAPES.

⁴ Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP). E-mail: mauricio.silva@docente.unip.br.

1. INTRODUÇÃO

No complexo panteão de Divindades afro diaspóricas, destaca-se o Orixá Exu como o mais controvertido por subverter a ordem vigente e inaugurar novas possibilidades, como se observa no célebre ditado de terreiros “Exu faz o erro virar acerto e o acerto virar erro”. Embora de maneira invisibilizada, inclusive em religiões afro-diaspóricas, o Orixá Exu apresenta uma contrapartida feminina, iconograficamente representada tanto em África quanto, por exemplo, no Brasil, conhecida nos cotidianos das comunidades-terreiro e entre pesquisadores como Exu-Mulher (Silva, 2022; Alexandre, 2023). Na Umbanda, religião popular fundada oficialmente no Brasil em 1908, o termo Exu-Mulher também se refere à entidade conhecida como Pombagira, a qual, por meio de ensinamentos, mas sobretudo pelos trejeitos físicos e pelas gargalhadas, coloca em xeque os preceitos misóginos propostos e efetivados historicamente pelo patriarcado.

“Figuras arquetípicas ligadas à ideia de sexualidade” (Lopes, 2009, p. 538), as Pombagiras são associadas popularmente sobretudo à Umbanda, embora não se circunscrevem apenas a essa religião. O vocábulo “Pombogira” decorre do quicongo *mpambu-a-nzila*, em quimbundo *mpanbuanjila*, com o sentido de “encruzilhada”, por meio da forma “Bombonjira”, como se nomina Exu nos candomblés de origem bantu (Lopes, 2009, p. 537).

De modo geral, cada Pombagira reproduz o arquétipo de uma Pombagira primordial, a qual teria ou não existência histórica. Nesse último caso, destaca-se Maria Padilha, que evoca a figura de Maria de Padilla, grande paixão do rei D. Pedro I, que teria contraído com ele núpcias secretas antes de seu casamento com Dona Blanca, e, por meio de artes mágicas, o teria enfeitado⁵. Se no imaginário eurocristão tais mulheres seriam facilmente associadas ao mal, ao demônio e à bruxaria e à magia deletérias, esse conceito se estendeu às Pombagiras nas religiões de terreiro, reforçando o que já se fazia em África e nas Américas do período colonial, com a demonização de Divindades e Entidades africanas e dos povos originários, numa estratégia de epistemicídios.

⁵ Como observa Augras (2009, pp. 31-32), além das peripécias maléficas e mágicas atribuídas a María de Padilla, o mesmo é atribuído em outra medida à própria Dona Blanca para se casar com Dom Pedro. À mulher, portanto, sempre se atrela a ideia de perdição de um estado original de inocência masculino (Adão/Eva; D. Pedro/María de Padilla e Dona Blanca).

Ao longo da História, o patriarcado se encarregou de não apenas alijar as mulheres dos centros de poder e decisão⁶, como também enfraqueceram ou exilaram as Divindades femininas, as quais, contudo, num movimento pendular, conseguiram se opor ao monoteísmo dominante (Campbell, 2015, p. 26-31). Uma das mais conhecidas empresas contra as mulheres, no ocidente cristão, e, portanto, contra as Divindades femininas foi a perseguição aos saberes ancestrais, medicinais, cíclicos e naturais (epistemicídios) e o assassinato em massa (generocídio), com destaque para a Inquisição (séculos XV a XIX) e suas técnicas de acusação, tortura, condenação e assassinato (Kramer e Sprenger, 2020).

A exceção foi a “Nova Eva”⁷, a santificação, idealização e dessomatização de Maria, culminando nos dogmas⁸ da Virgindade Perpétua de Maria (649 e confirmado em 1215 e 1274) e da Imaculada Conceição (1854). Tal idealização também ecoa nas religiões de terreiro, nas Américas em geral e no Brasil em particular, notadamente na Umbanda, a qual, além da influência cristã-católica imposta e herança de séculos de colonização, se possui uma matriz cristã-católica popular (portanto, não-ortodoxa), por vezes se deixa influenciar pela dogmática do catolicismo hegemônico. Nesse sentido, Augras (*In* Moura, 2000, pp. 17-44) observa que as Iya Mi Oxorongá (Mães Ancestrais) e as Iabás (Orixás/Divindades femininas), ambas de origem iorubá, se deixaram cristianizar, transferindo os aspectos mais carnavais, humanos e humanizados propriamente ditos para as Pombagiras. Estas, por sua vez, fugindo de associações que esvaziaram sua potência e seu simbolismo se opõem à domesticação pela qual passou Maria de Nazaré ao se tornar a Virgem Maria. Uma vez que muitas Pombagiras se apresentam com o prenome “Maria” (Maria Padilha, Maria Molambo, Maria Quitéria etc.), bastante comum entre as mulheres, Cabral (2022,) observa que sua existência na Umbanda propõe uma nova mariologia, não mais como disciplina de estudos da teologia católica, mas

⁶ Russell e Alexander (2019, p. 141) relatam, por exemplo, que, com algumas variações temporais e geográficas, durante a caça às bruxas, o número de mulheres acusadas é praticamente o dobro em relação aos homens na mesma situação.

⁷ Os primeiros padres da Igreja já chamavam Maria de “Nova Eva”: se a humanidade havia perecido pela ação de uma mulher no Jardim do Éden (Gênesis, capítulo 3), por meio de outra encontrava a redenção. A condenação histórica da mulher no universo judaico-cristão potencializa-se em movimentos como a caça às bruxas (cujo auge foi dos séculos XV ao XVII). Não à toa Rose Muraro (*In* Kramer e Sprenger, 2020, pp. 24-26) considera “O martelo das feiticeiras”, manual do século XV para identificar, julgar e condenar mulheres acusadas de bruxaria, como uma “continuação do Gênesis”. Essa correlação ressignifica - e em certa medida perpetua - a condenação às chamadas “filhas de Eva”, como por vezes aparecem nominadas as mulheres no cristianismo oficial.

⁸ “Dogma” é uma “afirmação doutrinal precisa que a Igreja definiu de forma solene. Sua aceitação é obrigatória para todos os membros da Igreja. Quem a rejeita cai na heresia e está fora da Igreja. As controvérsias sobre pontos doutrinários importantes são geralmente as que levam a estabelecer uma verdade como dogma” (Pedro, 193, p. 85). Natel (2025, pp. 58-59) observa que a dogmatização de uma mulher pelo cristianismo oficial apaga a vida, a história e o significado da existência de outras mulheres, além de reforçar a submissão diante da hegemonia patriarcal e estabelecer “a ponte para o favor divino masculino”.

uma mariologia pós-cristã, com espaço para bruxas, feiticeiras e mulheres livres, vale dizer, excluídas e marginalizadas frente aos padrões estabelecidos pelo eurocristianismo.

Se as Pombagiras encarnam (e não apenas nas religiões de terreiro, mas também na cultura em geral, como na música popular brasileira, em filmes, novelas e escolas de samba, por exemplo) a negação dos desmandos do patriarcado⁹, o empoderamento feminino¹⁰ e a equidade entre os gêneros, algumas das formas de representação dessas, sobretudo nas mídias eletrônicas e na cultura popular em geral, reproduzem antes critérios de valoração e aceitação do universo masculino-patriarcal. Para ilustrar e buscar compreender tal processo, este trabalho, a partir da análise de conteúdo de fenômenos comunicacionais, aponta algumas das características de rebaixamento da imagem da Pombagira a um padrão específico de representação do feminino, onde a potência da Entidade espiritual convive com seu esvaziamento simbólico¹¹.

2. POMBAGIRAS: IMAGENS E REPRESENTAÇÕES

A plataforma Google funciona como portal de observação de fenômenos diversos - notadamente comunicacionais - à medida que organiza os resultados de busca conforme as maiores incidências de resultados acessados pelos usuários. Se isso retroalimenta os resultados, não deixa de fornecer informações preliminares e comportamentais desses fenômenos.

A busca no Google Imagens por “Pombagira” fornece os seguintes resultados¹²:

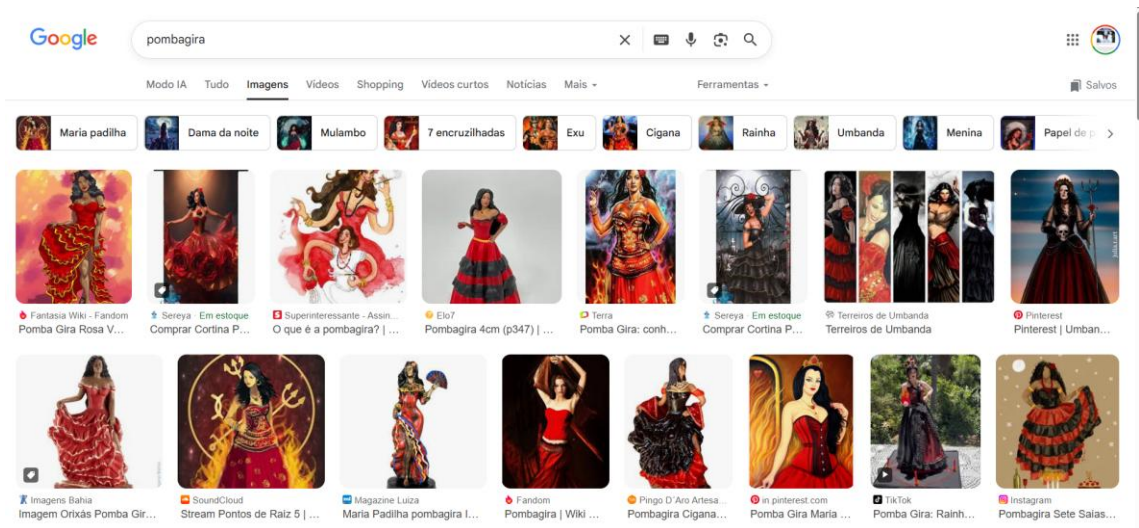
⁹ Para Scott (1991), o patriarcado não designa somente o poder paterno, mas o poder do masculino, enquanto categoria social na qual relações são organizadas, basicamente, em dois pontos primordiais: as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. E mais, para a autora, existem quatro elementos constitutivos da categoria gênero: religião, educação, ciência e política.

¹⁰ A palavra “poder”, para Batliwala, está no centro do empoderamento, definido como “controle sobre recursos materiais, intelectuais e ideologia” (1994, p.129). Segundo essa mesma autora, o controle sobre esses recursos tem estado, em grande parte, sob o controle masculino. Para ela, “empoderamento” é o processo de questionar essas ideologias e relações de poder, e de ganhar maior controle sobre os recursos apontados. No caso das mulheres, esse processo tem como objetivos: reconhecer e questionar a ideologia patriarcal; modificar as estruturas e instituições que reforçam e perpetuam a discriminação de gênero as desigualdades sociais; e tornar possível as condições para que as mulheres pobres possam ter acesso – e controle sobre – recursos materiais e informacionais.

¹¹ Contrera (2017), ao conceituar a mediosfera como “a esfera do imaginário mediático” (p. 21), aponta dentre seus processos constitutivos a literalidade, o entretenimento e a sucessividade, o eterno presente e o apagamento da memória (p. 73-79). Nesse contexto, o pragmatismo mercadológico recalca saberes ancestrais, pertencas culturais sem espaço para elaborações profundas a partir do simbólico vivenciado tanto em ritos específicos (individuais e coletivos) quanto no cotidiano.

¹² Todas as coletas de imagens foram feitas no dia 30 de setembro de 2025. Nossas análises focam os primeiros resultados, dispostos em duas linhas (16 para as duas primeiras buscas, “Pombagira” e “Pombagira Imagens Bahia” e 11 para a terceira, “Igreja da Pombagira”).

Figura 1: Resultados para “Pombagira”



Fonte: Google Imagens¹³

Para melhor compreensão dos resultados, recorreremos à análise de conteúdo e, para tanto, fixamos algumas categorias, obtendo a seguinte tabela:

Tabela 1

Categorias	Ocorrências	Porcentagem	Identificação das imagens
Roupa vermelha	7	35%	1,2,3,5,8,13,14 e 15.
Roupa vermelha e preta	12	60%	4,6,7,9,10,11,12,16,17,18,19 e 20.
Ombros à mostra	16	80%	Todas
Gargalhando	3	15%	3,6 e 8.
Estátuas	4	20%	4,13,15 e 17.

¹³ Disponível em : https://www.google.com/search?sca_esv=219388647f983b16&rlz=1C1GCEA_enBR1159BR1159&sxsrf=AE3TifNQS8RQ3XT2Mg5GfSEaweq2EG_C_Q:1759160603481&udm=2&fbs=AIJpHydJdUtNKRm02hj0s4nbm4yAFb4PvhjIUcDtaFhkK_tyspyDJg0-Y4Ji8bGEtEDNJF_QLt8mYL1Ky-sHdgJivrE677A-6HSRVkn1DsQyQa95McUnw4YQQx97JMkexkJowve_3Pe8lGQfsRKdX19u9HdC_jJE58f1Xeh27q_CbbPWDr4hQ6F1lic6DpDmDtOQgjVVMFtAbPLrJpbhUb50Ilw&q=pombagira&sa=X&ved=2ahUKEwi6iv72p_6PAxVOupUCHWC6CIMQtKgLegQIFxAB&biw=1920&bih=945&dpr=1 . Acesso em: 30 set.2025.

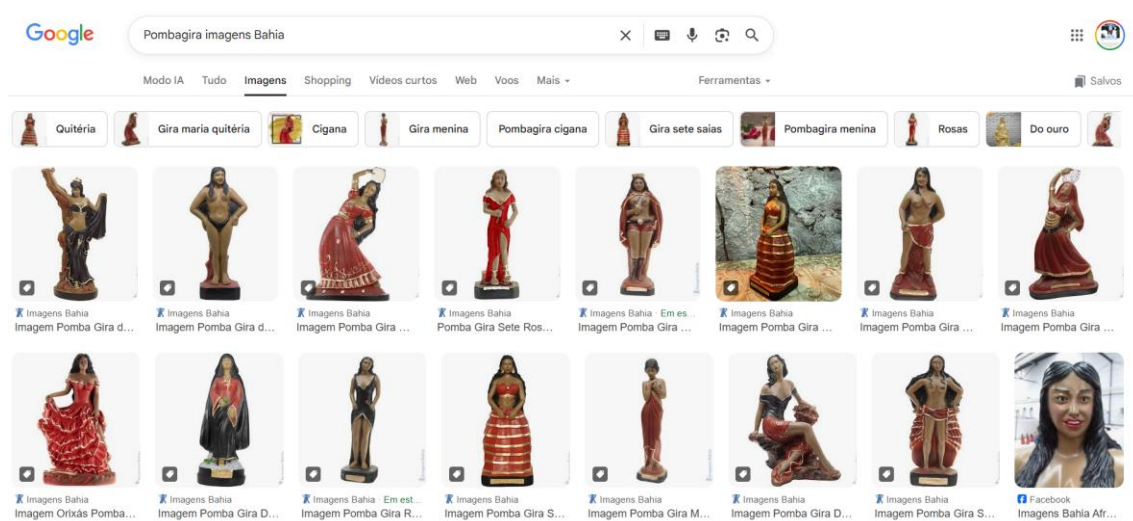
Quanto às cores, o vermelho e o preto mais associados à chamada Linha da Esquerda na Umbanda, que agrega Entidades como Exus e Pombagiras (Barbosa Jr., 2025, p. 85), destaca-se o vermelho e preto (60%) enquanto apenas o vermelho (paixão, poder e energia, características frequentemente associadas à Pombagira) representa 35%. Os ombros à mostra aparecem em 100% das ocorrências, reforçando a ideia de liberdade, sensualidade e autoafirmação, características profundamente ligadas à Pombagira. A escolha desse elemento simbólico sugere uma ruptura com padrões tradicionais de moralidade, destacando seu papel de Entidade que desafia convenções e expressa sua essência de forma autêntica. A sensualidade, frequentemente associada à Pombagira, reflete tanto uma celebração de sua feminilidade quanto, em alguns casos, uma simplificação de sua profunda complexidade espiritual. Já as esculturas (20% das ocorrências) geralmente apresentam a Pombagira em poses que destacam sua feminilidade e poder, muitas vezes adornadas com roupas elegantes e acessórios que simbolizam riqueza e autoridade. As estátuas não apenas externam sua presença visual, como reforçam a conexão espiritual que ela estabelece com seus devotos, sendo objetos de culto e reverência.

A presença dessas estátuas/esculturas nos convida a outra busca específica no Google: “Pombagira Imagens Bahia”. A Imagens Bahia, fundada em São Paulo em 1956, notabilizou-se por, em meio a imagens de santos católicos e Orixás, dentre outros, oferecer amplo catálogo de estátuas de gesso de Pombagiras (a empresa também trabalha com resina), com encomendas entregues em todo o Brasil e no exterior¹⁴

Os resultados:

Figura 2: Resultados para “Pombagira Imagens Bahia”

¹⁴ Disponível em <https://www.imagensbahia.com.br/pages/home> . Acesso em: 08 out.2025.



Fonte: Google Imagens¹⁵

Tabela 2

Categorias	Ocorrências	Porcentagem	Identificação das imagens
Roupa vermelha	8	50%	3,4,5,6,7,8,9,12,13 e 15.
Roupa vermelha e preta	2	12,5%	10 e 16.
Roupa preta	3	18,8%	1, 2 e 11.
Seios à mostra	4	25%	2,5,7 e 15.
Ombros à mostra	13	81,25%	1,2,4,6,7,9,11,12,13, 14 e 15.
Sorrindo	3	18,8%	2,7 e 16.

15

Disponível

em

https://www.google.com/search?q=Pombagira+imagens+Bahia&sca_esv=6a46622504ef503e&rlz=1C1GCEA-enBR1159BR1159&udm=2&biw=1536&bih=756&sxsrf=AE3TifO0QFZPIZXCdsnEKVpA9MFZZ0tGTA%3A1759250418555&ei=8gfcaL3TIerc1sQPuLiwQQ&ved=0ahUKEwi9IIPC9oCQAxVqrpUCHbifKEgQ4dUDCBE&uact=5&oq=Pombagira+imagens+Bahia&gs_l=EGtnd3Mtd2l6LWltZyIXUG9tYmFnaXJhIGltYWdlbnMgQmFoaWFI7I1GUP8JWP7uRXACeACQAQCYAaIBoAH0FaoBBDauMjS4AQPIAQD4AQGYAhWgArgRqAIKwgIKEAAYgAQYQxiKBclCBhAAGAcYHsICBRAAGIAEwgIIEAAYBxglGB7CAggQABgFGAcYHsICChAJGcCYyQIY6gLCAGcQIXgnGMkCwgIIEAAYgAQYsQPCAgSQAABiABBixAxiDAciCDRAAGIAEGLDGE MYigXCAGQQABgewgIGEAAAYChgewgIGEAAAYCBgewgIJEAAAYgAQYExgKwglGEAAAYExgewgIIEAAAYExgIGB7CAgoQABgTGAgYChgemAMDIAyBkgeMEmi4xOaAH136yBwQwLjE5uAeyEcIHBjluMTguMcgHIw&scient=gws-wiz-img . Acesso em 30 set.2025.

(Gargalhando)			
---------------	--	--	--

Para manter o paralelismo com a tabela anterior, mantivemos as mesmas categorias acrescidas de outras duas (Roupa preta e Seios à mostra). Os resultados permitem identificar padrões visuais e simbólicos recorrentes que reforçam tanto estereótipos quanto elementos tradicionais associados a essa Entidade. Quanto ao aspecto das cores, verifica-se a predominância das figuras vestidas de vermelho (50%), cor amplamente associada ao universo simbólico da Pombagira, vinculada à sensualidade, à força e ao poder feminino. Outras representações incluem a combinação de vermelho e preto (12,5%) e trajes exclusivamente pretos (18,8%), cores que, em conjunto, reforçam a dimensão dual da entidade ao mesmo tempo sedutora e vinculada ao mistério e à transgressão. A exposição corporal aparece de maneira significativa, já que 25% das imagens apresentam a Pombagira com os seios à mostra, recurso estético que reforça sua associação à sexualidade e à feminilidade exacerbada, aspectos historicamente ressaltados em sua iconografia. Os ombros à mostra (81,25%), de forma mais sutil em relação aos seios à mostra, reforça essa relação. Ademais, expressões faciais sorridentes estão presentes em 18,8% das peças, introduzindo uma dimensão lúdica e acessível à entidade. Quanto aos adereços, nota-se menores ocorrência e diversidade: apenas 6,3% das imagens apresentam leques, e o mesmo percentual exibe a entidade com pandeiro. Esses elementos, embora minoritários, sugerem a incorporação de referências culturais ligadas à dança, à festa e à performance - ainda que esterotipada - cigana¹⁶, aspectos que dialogam diretamente com o campo simbólico em que a Pombagira se insere.

De modo geral, observando ambos os resultados das buscas no Google Imagem, tem-se que as imagens de Pombagiras da tabela 1 são “mais comportadas” do que as da Tabela 2, embora ambas apresentem elementos mínimos de identificação de Pombagira, como as cores padrão e o sorriso/gargalhada¹⁷. Certamente o fato de as esculturas das Imagens Bahia serem elementos de culto e liturgia (por vezes nem sempre expostos ao público, mas presentes em tronqueiras e canjiras, espaços de culto e veneração a Exus, Pombagiras e outras Entidades nos terreiros) favorece maior liberdade na representação da potência simbólica da Entidade, como os seios à mostra.

¹⁶ Entidades Ciganas, por vezes, também se agrupam na chamada Linha de Esquerda (Barbosa Jr., 2025, p. 65).

¹⁷ “A maioria das pessoas teme a plenitude da alegria. Daí a demonização da gargalhada de uma Pombagira (de quebra, não apenas uma gargalhada, mas um recurso de dissolução da negatividade, para dizer o mínimo) e a naturalização de um poder supremo patriarcal, rancoroso e vingativo, que lança às penas eternas quem foge aos ditames da normatividade e dos preconceitos sociais. Enquanto o medo mantém essa normatividade e esses preconceitos, a gargalhada da Pombagira os desestabiliza” (Barbosa Jr., 2023, p. 7).

No imaginário e nas representações além das comunidades-terreiro, a Pombagira tem-se adequadado aos padrões estéticos midiáticos dominantes, como o silicone nos seios, por exemplo, como se observa nas Figuras 3 e 4, respectivamente de Viviane Araújo como a Pombagira da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro em 2016 e a artista performática Nete Salmah¹⁸.

Figura 3: Viviane Araújo como Pombagira



Fonte: Google Imagens¹⁹

Figura 4: Nete Salmah como Pombagira



¹⁸ Com 84,8 mil seguidores em seu perfil no Instagram (Disponível em <https://www.instagram.com/netesalmah/?pwa=1> . Acesso em: 08 out. 2025), Nete Salmah é conhecida por performances como Pombagira em terreiros, festas, eventos e manifestações públicas como a Marcha para Exu.

¹⁹ Disponível em <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2016/noticia/2016/01/viviane-araujo-fala-sobre-repercussao-de-pomba-gira-em-ensaio-na-sapucaia.html> . Acesso em 17 out.2025.

Fonte: Google Imagens²⁰

Tais ocorrências e representações abrem caminho para a elaboração de um modelo de culto de monolatria²¹, a partir do qual a Pombagira é desvinculada do panteão de Entidades de terreiro (notadamente da Umbanda e da Quimbanda) para protagonizar uma igreja a ela dedicada, numa mescla entre culto e espetáculo que prometem ser um canal de promoção do protagonismo/empoderamento feminino frente aos desmandos do patriarcado.

3. A IGREJA DA POMBAGIRA

Criada pelo Pai (sacerdote) Willian Brito, mais conhecido como Bruxo Malagueta, a Igreja da Pombagira, aberta com uma grande festa em 18 de janeiro de 2025, se pretende um espaço de acolhimento para mulheres vítimas de violência. Segundo seu idealizador, também conhecido como “pai de santo dos famosos”, o fato de ser uma Igreja e não um terreiro se dá na tentativa de “afastar a conotação negativa atribuída à Pombagira, principalmente por parte de não simpatizantes e de frequentadores de outras religiões”²².

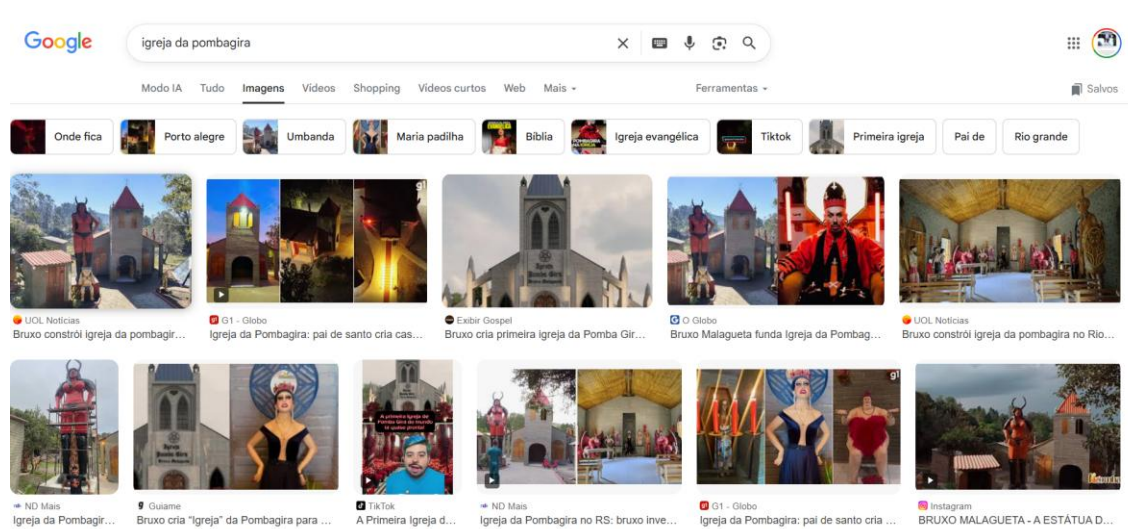
Uma busca no Google Imagens para “Igreja da Pombagira” trouxe os seguintes primeiros 11 resultados:

Figura 5: Resultados para “Igreja da Pombagira”

²⁰ Disponível em <https://www.facebook.com/netesalmah/>, Acesso em 17 out.2025.

²¹ Sobre a monolatria como escolha de divindade/entidade específica de um panteão para culto ou outros usos individuais, no caso de Exu, consulte-se Barbosa Jr., 2025, p. 111-116.

²² Disponível em https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2025/01/18/quem-e-o-pai-de-santo-do-rs-que-criou-espaco-de-acolhimento-para-mulheres-que-sofrem-violencia.ghtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=share-bar-desktop&utm_campaign=materias. Acesso em: 08 out.2025.



Fonte: Google Imagens²³

A Tabela 3 apresenta algumas das categorias nas quais as imagens se agrupam. Observe-se que a ocorrência 04 apresenta duas imagens, enquanto a 10 apresenta três.

Tabela 3

Categorias	Ocorrências	Porcentagem	Identificação das imagens
Igreja da Pombagira (edificação)	10	90,9%	1,2,3,4,5,7,8,9 e 11.
Estátuas	8	72,72%	1,4,5,6,7,9,10 e 11.
Pombagira gorda	1	9,1%	10.
Criador da Igreja (Bruxo Malagueta)	1	9,1%	4.
Vestido azul	2	18,2%	8 e 10.

Os resultados evidenciam uma centralidade expressiva da representação da edificação, que corresponde a 90,9% das ocorrências. Esse dado aponta que a materialidade do templo ocupa papel fundamental na constituição do imaginário e da visibilidade religiosa, configurando-se não apenas como espaço de culto, mas também como um marcador simbólico da presença e da institucionalização da devoção à Pombagira. Em segundo plano, observa-se a presença das representações iconográficas da entidade, que alcançam 72,72%. Tal índice demonstra a relevância atribuída à construção visual da Pombagira enquanto figura religiosa e cultural, reforçando sua centralidade nos processos de identificação devocional e na circulação de imagens no campo simbólico.

Outras ocorrências, ainda que minoritárias, revelam nuances importantes para a compreensão das múltiplas formas de representação da entidade. A Pombagira gorda e a imagem do criador da Igreja, identificado como Bruxo Malagueta, aparecem com 9,1% cada, apontando para narrativas que contribuem para a pluralização dos sentidos atribuídos à devoção da Pombagira: no primeiro caso, a inclusão da diversidade, no segundo a legitimação da Igreja pela personificação do fundador. Já a Pombagira com vestido azul, com 18,2%, destaca-se por introduzir a dimensão da variação, em que a cor e a indumentária atuam como elementos semióticos relevantes na construção da identidade visual da Entidade.

Os resultados apontam que, embora a edificação da Igreja da Pombagira se configure como o eixo central da representação imagética, existe um conjunto de imagens que amplia a compreensão da devoção, evidenciando sua heterogeneidade simbólica e a coexistência de diferentes camadas de significação no âmbito religioso e cultural em relação aos dados anteriores. Contudo, tal heterogeneidade não chega a ser uma afronta aos ditames do patriarcado, tão ao gosto das Pombagiras numa breve comparação, por exemplo, entre a estátua da Pombagira em destaque (externa, alçada num pedestal e trajando botas de cano alto) e a Pombagira gorda. Enquanto a primeira traduz sensualidade, com parte do corpo (seios, inclusive) à mostra, a segunda está encerrada no interior da igreja. Armado pelo “pai de santo dos famosos” numa festa de abertura que lembra grandes eventos sociais das classes de alto poder aquisitivo, o culto se mescla ao espetáculo com roteiro em que a Pombagira oscila entre a transgressão e a sujeição aos parâmetros ditados pelo patriarcado, dos randômicos (padrão estético chancelado pela sociedade em geral e por vários de seus núcleos, como redes sociais, programas de televisão e anúncios publicitários) aos comportamentais (adaptação de pontos cantados - cânticos litúrgicos de terreiros - à estética musical neopentecostal), num espaço de

maior aceitação (igreja), deslocando a Pombagira de seu espaço sagrado original, vale dizer, desterritorializando o terreiro (Barbosa Jr., 2025, p. 117-127) e, ainda, reforçando o racismo religioso (Nogueira, 2020, p. 47), uma vez que, na tentativa de cooptar fieis/clientes, a Igreja e seu fundador descaracterizam (e, portanto, condenam) a origem afro/preta da Pombagira.

4. CONCLUSÃO

Como observa Silva (*In Camargo, 2019, p. 70*), a Umbanda ainda é pouco estudada. O mesmo vale para as demais religiões de terreiro, em especial sob o viés da Comunicação. Nesse contexto, a subversão da ordem representada por Exu - e, no Ocidente patriarcal, mais ainda por Exu-Mulher/Pombagira - por meios tão característicos quanto a dança, a presença do corpo, a fala debochada e a gargalhada não está isenta da acomodação aos ditames desse mesmo patriarcado. A gargalhada, por exemplo, se, para Oliveira (*In Camargo, 2019*), destrói e renova a potencialidade humana em ser além do que lhes é ditado que sejam” (p. 185), pode também tornar-se riso frouxo e complacente. O mesmo vale para o corpo feminino que representa e é representado pela Pombagira: em que medida transgride a reificação imposta pelo patriarcado ou a ele se sujeita²⁴?

De qualquer maneira, o capitalismo consegue literalmente capitalizar vitórias. Conforme observam Dravet e Oliveira (2015), “o jogo entre a proibição e a possibilidade da contravenção é o grande ganho do capitalismo vigente, que lucra sofisticadamente a partir dos métodos de coação cristã longamente construídos” (p. 59). Nesse sentido, tolerada como ponto de fuga do moralismo, como em outros momentos da história²⁵, ou assimilada e reinventada a partir dos estereótipos e padrões de beleza e/ou comportamento, a Pombagira, de uma forma ou de outra, questiona o *status quo* a cada gargalhada.

6. REFERÊNCIAS

²⁴ “O erotismo, muitas vezes, é deslocado de sua onipresença como energia criadora e integradora para o papel de excitação sexual e, mais ainda, confundido com genitalização. Reduzido ao aspecto pernicioso tanto na repressão quanto na permissividade/hipersexualidade, em ambos os casos é colocado a serviço da ordem vigente” (Barbosa Jr., 2025b, p. 17).

²⁵ Dravet e Oliveira (2015), a partir da leitura de Bataille a respeito do erotismo, afirmam que “o cristianismo não banuiu de todo o pecado, pois precisava dele para exaltar seu aspecto sagrado” (p. 59).

ALEXANDRE, Claudia. **Exu-mulher e o matriarcado nagô: sobre masculinização, demonização e tensões de gênero na formação dos candomblés**. Rio de Janeiro: Fundamentos de Axé, 2023.

AUGRAS, Monique. De iyá-mi a pomba-gira: transformações e símbolos da libido. *In*: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes (org.). **Candomblé - religião do corpo e do espírito**. Rio de Janeiro: Pallas, 2000. p. 17-44.

_____. **Imaginário da Magia, Magia do Imaginário**. Petrópolis: Vozes, 2009; Rio de Janeiro: PUC, 2009.

BATLIWALA, S. (1994). “The meaning of women’s empowerment: new concepts from action”. In. G. Sen, A. Germain & L.C.Chen (eds.), *Population policies reconsidered: health, empowerment and rights*, pp.127-138. Boston: Harvard University Press.

BARBOSA JR., Ademir. **“Foi Exu que me deu”: Exu Coach e a Teologia da Prosperidade na Umbanda**. São Paulo: Universidade Paulista (Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista - UNIP), 2025.

_____. “Bela, não-recatada e do laroíê: a primeira-dama na encruzilhada” *In* **Revista Intolerância Religiosa**, volume 5, janeiro de 2023. Disponível em <https://revistaintoleranciareligiosa.com/wp-content/uploads/2023/01/junior-barbosa-ademir-bela-nao-recatada-e-do-laroie_-a-primeira-dama-na-encruzilhada-1.pdf> . Acesso em 15/4/2025.

_____. **Umbanda, erotismo e sexualidade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2025.

CABRAL, Alexandre Marques. **Teologia das Encruzilhadas: feminismo e mística decolonial nas Pombagiras de Umbanda**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2022.

CAMPBELL, Joseph. **Deusas: os mistérios do divino feminino**. São Paulo: Palas Athenas, 2015.

CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera – meios, imaginário e desencantamento do mundo**. São Paulo: Ed. Annablume, 2017.

DRAVET, Florence Marie e OLIVEIRA, Leandro Bessa. “Novas imagens da pombagira na cultura pop: símbolos, mitos e estereótipos em circulação” *In* **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v. 12, n. 35, p. 49-70, set./dez. 2015.

KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras: malleus maleficaram**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

LOPES, Nei. **Enciclopédia da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

NATEL, Angela. **Uma reflexão no estudo sobre as deusas: da colonialidade para uma luta anticolonial**. Curitiba: Espaço das Deusas, 2025.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020.

OLIVEIRA, Bruna Cardoso de. “Quando a Pombagira fala - um olhar etnográfico sobre os trabalhos de Umbanda comandados por Pombagiras” *In*: CAMARGO, Hertz Wendel de (org.). **Umbanda, cultura e comunicação: olhares e encruzilhadas**. Curitiba: Syntagma, 2019, pp. 199-211.

PEDRO, Aquilino de. **Dicionário de termos religiosos e afins**. Aparecida: Editora Santuário, 1993.

RUSSEL, J. B e BROOKS, Alexander. **História da Bruxaria**. 2 ed., São Paulo: Aleph, 2019.

SILVA, Maurício Ribeiro da. “Umbanda e os meios de comunicação: documentos para a compreensão da história e a atualidade desta religião brasileira. *In*: CAMARGO, Hertz Wendel de (org.). **Umbanda, cultura e comunicação: olhares e encruzilhadas**. Curitiba: Syntagma, 2019, pp. 70-102.

SILVA, Vagner da. **Exu: um Deus Afro-atlântico no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2022.